



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

NAJARA DE MELO CARDOSO

**ANÁLISE COMPARATIVA DE RESULTADOS ENTRE COOPERATIVAS DE
CRÉDITO, COM BASE NA METODOLOGIA PEARLS.**

**Campina Grande – PB
2019**

NAJARA DE MELO CARDOSO

**ANÁLISE COMPARATIVA DE RESULTADOS ENTRE COOPERATIVAS DE
CRÉDITO, COM BASE NA METODOLOGIA PEARLS.**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC
apresentado ao Departamento do Curso de
Ciências Contábeis, da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do grau de bacharel em Ciências Contábeis.

Orientador: Prof. Me. José Péricles Alves Pereira

**Campina Grande – PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C268a Cardoso, Najara de Melo.
Análise comparativa de resultados entre cooperativas de crédito, com base na metodologia PEARLS [manuscrito] / Najara de Melo Cardoso. - 2019.
20 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Contábeis) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2019.
"Orientação : Prof. Me. José Péricles Alves Pereira, Coordenação do Curso de Ciências Contábeis - CCSA."
1. Cooperativismo de crédito. 2. Modelo PEARLS. 3. Indicador financeiro. I. Título
21. ed. CDD 334.2

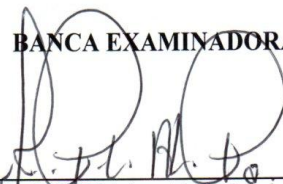
NAJARA DE MELO CARDOSO

**ANÁLISE COMPARATIVA DE RESULTADOS ENTRE COOPERATIVAS DE
CRÉDITO, COM BASE NA METODOLOGIA PEARLS.**

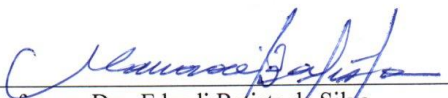
Trabalho de Conclusão de Curso - TCC
apresentado ao Departamento do Curso de
Ciências Contábeis, da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do grau de bacharel em Ciências Contábeis.

Aprovada em: 22/11/2019.

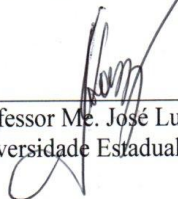
BANCA EXAMINADORA



Professor Me. José Péricles Alves Pereira (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba



Professora Dra. Ednadi Batista da Silva
Universidade Estadual da Paraíba



Professor Me. José Luís de Souza
Universidade Estadual da Paraíba

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	REFERENCIAL TEÓRICO	5
2.1	Cooperativismo de Crédito	5
2.2	Análise Econômico-Financeira	6
2.3	O Modelo PEARLS	7
3	METODOLOGIA	8
4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	9
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	14
	REFERÊNCIAS	15
	APÊNDICE	17

ANÁLISE COMPARATIVA DE RESULTADOS ENTRE COOPERATIVAS DE CRÉDITO, COM BASE NA METODOLOGIA PEARLS.

Najara de Melo Cardoso¹

RESUMO

As cooperativas de crédito têm tido um grande crescimento no mundo, em que tendo como padronizar a análise de suas informações financeiras, o Conselho Mundial das Cooperativas de Crédito, (WOCCU, sigla em inglês), preconiza o uso do modelo PEARLS de indicadores contábeis financeiros. Sendo assim, o objetivo deste artigo é realizar uma análise comparativa de resultados entre cooperativas de crédito de segmentação similar e integradas a um mesmo sistema, com base na metodologia PEARLS. O trabalho é uma pesquisa aplicada e usa como procedimentos o documental e o bibliográfico, com abordagem quanti-qualitativa. Realizou-se um estudo sobre caso de duas cooperativas do Nordeste do país. Nos resultados observou-se o agravamento dos níveis de risco de operações da cooperativa 2, o que sugere um plano de trabalho para aumentar as sobras e, assim, alocar mais recursos para o capital institucional e fortalecer as condições para alavancagem. Quanto à cooperativa 1, apesar de ter maior renda nas operações de crédito e maior margem bruta perante o ativo, não consegue traduzir isto em mais sobras perante a receita operacional. Seu volume em operações de crédito se manteve praticamente estável, contudo conseguiu elevar em 8% a receita operacional com a redução de quase 20% nas operações de risco D a H. Conclui-se a necessidade de ambas reforçarem seus pontos fracos diante do cenário de incertezas quanto ao setor público brasileiro, que passa por dificuldades financeiras, impactando-as diretamente por conta do seu público restrito a servidores.

Palavras-chave: Cooperativismo de crédito; PEARLS, Indicadores.

ABSTRACT

Credit unions have been booming around the world, to provide standardized analysis of their financial information, the World Council of Credit Unions (WOCCU) advocate to the use of the PEARLS model of financial accounting indicators. Thus, the goal of this paper is to perform a comparative analysis of results between credit unions with similar segmentation and integrated to the same system, based on the PEARLS methodology. The work is an applied research and uses as procedures the documentary and the bibliographic, with quantitative and qualitative approach. A case study was conducted on two credit unions from the northeast of the country. In the results, the risk levels of the credit union 2 operations increased, suggesting a work plan to increase the surpluses and consequently allocate more resources to institutional capital and strengthen the conditions for leverage. About the credit union 1, despite having higher income from credit operations and higher gross margin on assets, it cannot translate this into more surplus on operating revenues. Its volume in credit operations remained practically stable, however it managed to increase operating revenues by 8% with a reduction of almost 20% in risk operations D to H. It is concluded that both need to reinforce their weaknesses with the scenario of uncertainties regarding the brazilian public sector, which is going through financial difficulties, directly impacting them due to its public restricted to public employees.

Keywords: Credit Cooperativism; PEARLS, Indicators.

¹ *Aluna do curso de Graduação em Ciências Contábeis pela Universidade Estadual da Paraíba - Campus I
E-mail: najara.cardoso@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Com a atual conjuntura do quadro econômico em que estamos inseridos, tem se tornado cada vez mais notável a disputa pelo domínio de mercado entre os diversos tipos de instituições financeiras. E dentre deste cenário, quem aparece se destacando e, cada vez mais, difundindo seus ideais são as cooperativas de crédito. Nascido na Inglaterra, em 1844, o cooperativismo se disseminou por vários ramos de atividades. Especificamente no setor de crédito, seu crescimento se intensificou em 1852 na Alemanha, conforme Meinem e Port (2014). A partir daí, rapidamente vem se consolidando em vários países como um importante instrumento de desenvolvimento econômico, financeiro e social, devido às grandes vantagens ofertadas em relação aos bancos, sobretudo quanto a taxas ofertadas, rentabilidade em investimentos e participação nos resultados.

De acordo com Pagnussaltt (2004), a primeira cooperativa de crédito no Brasil surgiu em 1902, na cidade de Nova Petrópolis-RS, a qual se mantém ativa até hoje. Normatizadas pelo Conselho Monetário Nacional e supervisionadas pelo Banco Central, em nosso país ainda detêm uma pequena, porém crescente participação no mercado financeiro. E um grande desafio é manter o constante crescimento destas instituições de forma consistente e, utilizando-se sempre de ferramentas de gestão capazes de atingir à sua complexibilidade e às exigências de seus órgãos normatizadores. Nesse contexto, o Conselho Mundial de Cooperativismo de Crédito (WOCCU – World Council of Credit Unions), uma entidade internacional deste segmento, criou no final de 1980 o sistema “PEARLS” que, como coloca Bressan et al. (2010) é que a acrônimo que faz referência, em cada letra, a um grupo de indicadores contábeis-financeiros extraídos a partir da avaliação realizada acerca de determinadas áreas-chave operacionais das cooperativas de crédito singulares. Quais sejam: Protection (proteção), Effective financial structure (efetiva estrutura financeira), Assets quality (qualidade dos ativos), Rates of return and costs (taxas de retorno e custos), Liquidity (liquidez) e Signs of growth (sinais de crescimento).

A abrangência de fatores abordados por este método, atrelada à sua capacidade de evidenciar o desempenho das cooperativas de crédito, levou à seguinte problemática: cooperativas de crédito de segmentação similar e integradas ao mesmo sistema possuem indicadores que atendem àqueles sugeridos pelo método PEARLS?

O objetivo geral deste trabalho é realizar uma análise comparativa de resultados entre cooperativas de crédito de segmentação similar e integradas a um mesmo sistema, com base na metodologia PEARLS.

São objetivos específicos: i) aplicar o método PEARLS para análise de índices financeiros de duas cooperativas de crédito; ii) estudar os sinais de crescimento destas cooperativas no ano de 2018 e; iii) apresentar resultados de análises comparativas.

O trabalho se justifica por trazer ao público o conhecimento de mecanismos de gestão aplicados a duas cooperativas de crédito de segmentos distintos, apresentando seus resultados no final de um exercício, bem como indicadores de seu desenvolvimento.

O trabalho se estrutura da seguinte forma: 1.Introdução; 2.Referencial teórico; 3.Metodologia; 4.Apresentação dos resultados; 5.Considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Cooperativismo de Crédito

O cooperativismo de crédito no Brasil nasceu de um cenário de dificuldades socioeconômicas, estas enfrentadas por imigrantes europeus quando da colonização de áreas distantes dos grandes centros no sul do Brasil, segundo Magri e Correa (2012), que afirmam

que a cooperação entre os membros da comunidade foi a solução apresentada por um pároco atuante naquele local. Os autores citam que este se chamava Theodor Amstad, um suíço que acabou por conhecer o tema ao estudar em uma cidade próxima a Rochdale, na Inglaterra, um dos berços do cooperativismo e onde ele estava se espalhando para os diversos setores da economia.

Em meio a Revolução Industrial, o cooperativismo moderno estava surgindo como uma forma de amenizar os traumas econômicos e sociais que afligiam a classe trabalhadora, conforme Magri e Correa (2012), unindo forças para enfrentar necessidades de um determinado grupo. Amstad, para Port (2015), viu que aquele povo estava abandonado à própria sorte, passando a pregar o associativismo porque individualmente não conseguiriam avançar, convencendo as pessoas de que deviam procurar um modelo diferente. Port (2015) lembra deste espírito comunitário vieram outras iniciativas, como a criação de escolas, hospitais e asilos, demonstrando a importância do tema no desenvolvimento daqueles povoados.

Os princípios fundamentais do cooperativismo hoje estão sucintos em sete, elencam Meinen e Port (2014), sendo a adesão voluntária e livre, a gestão democrática do empreendimento, a participação econômica dos sócios, a autonomia e independência da organização, a promoção de educação, formação e informação aos sócios, intercooperação entre as entidades e o interesse pela comunidade. Dentre os valores, os autores citam a solidariedade, a igualdade e a transparência, estes destacados como fundamentais para o permear da cooperativa, indo de encontro com os princípios também relatados.

No panorama atual brasileiro, as cooperativas de crédito têm sido instrumentos fundamentais para enfrentar os históricos problemas da pobreza e das desigualdades regionais, afirmam Magri e Correa (2012), em que em outra publicação de sua autoria, Magri (2010) lembra o papel estratégico dessas organizações na inclusão financeira, principalmente no que cabe ao acesso a serviços de micro finanças. Meinen e Port (2014) destacam a consonância dos valores do cooperativismo por aqueles pregados pela Constituição Federal de 1988, citando ainda o reconhecimento pelo Banco Central do Brasil do papel importante que as cooperativas vêm desempenhando, fomentando a concorrência e a inserção financeira.

Dados do Banco Central do Brasil (2019) demonstram o crescimento acelerado do segmento das cooperativas de crédito em todo o Brasil, que já possuem um total de 10 milhões de associados, com destaque para a região Sul, em que 15,6% da população é associada a alguma cooperativa. Ainda conforme o estudo, de um ano para outro as cooperativas expandiram em 7% a sua área de atuação, cresceram em mais de 20% a sua carteira de crédito, principalmente voltando ele para o segmento rural e de micro e pequenas empresas. Enquanto nos últimos 4 anos os bancos nacionais reduziram em 10% o total de agências físicas no país, as cooperativas cresceram em 20% o total de oferta destes locais, segundo dados do panorama.

Os dois maiores sistemas de cooperativas de crédito nacionais já figuram dentre as 10 maiores instituições financeiras do país em valores de ativos totais, conforme publicação anual feita pelo Valor Econômico (2019), em que o Banco Central do Brasil visa utilizar deste crescimento para o cumprimento de metas lançadas pela instituição. A Agenda BC (2019), traz as cooperativas como aliadas fundamentais e estratégicas para a promoção da inclusão financeira das populações residentes nas regiões Norte e Nordeste do país, visando dar o apoio necessário nestes locais através da promoção da expansão da rede de atendimento.

2.2 Análise Econômico-Financeira

As demonstrações contábeis são fontes de dados para a extração de informações quanto a posição econômica e financeira das organizações, cujos objetivos podem ser os mais

variados, desde a atratividade de investir em ações de determinada companhia, se um financiamento pode ser concedido, entre outras funções, conforme Neto (2014). Ele relata ainda que é possível estabelecer um diagnóstico atual, visando a construção de previsões quanto a tendências futuras, avaliando os reflexos das decisões financeiras tomadas pela empresa em aspectos como liquidez, estrutura patrimonial e rentabilidade, por exemplo.

A fim de comparar as informações entre empresas, sejam delas de mesmo setor ou diferentes, Ross et al. (2013) cita os padrões exigidos por cada país tendo este como um dos objetivos. Sendo assim, os autores indicam o uso de demonstrações de tamanho comum, aquelas em que cada item do balanço é descrito como uma porcentagem do ativo, gerando assim dados que podem ser comparados mesmo com valores de ativos diferentes entre as empresas. Outra forma de análise mencionada é a de ano base comum, esta mais utilizada quando o objetivo é a visualização de tendências, expressando-se cada item do balanço em relação ao valor do ano base, tendo-se assim a variação durante o período estudado.

Para investigar-se relacionamentos entre as diferentes partes das informações financeiras, Ross et al. (2013) aponta o uso de indicadores, eliminando-se segundo eles o problema de tamanho de ativos ou passivos, tendo como resultados porcentagens, múltiplos ou períodos. Neto (2014) indica que são vários os indicadores, com os de liquidez, atividade, endividamento, estrutura de capitais, rentabilidade, lucro por ação, entre outros. O autor cita que a partir dos valores dos indicadores é possível inferir sobre várias questões relacionadas à empresa, buscando as fontes para tais valores a partir de resultados não satisfatórios.

2.3 O Modelo PEARLS

Criado em convenção realizado ao fim de 1980 pelo Conselho Mundial das Cooperativas de Crédito, (WOCCU, sigla em inglês), o modelo PEARLS de indicadores contábeis financeiros é uma adaptação daquele já existente na época e muito utilizado nos EUA para monitoramento dos bancos, o chamado CAMELS que, como explica Pagnussaltt (2004), também é um acrônimo que representa um conjunto de indicadores de desempenho. Portanto, segundo Bressan et al. (2014), foi com base no CAMELS que se desenvolveu o PEARLS, um modelo específico para avaliar a realidade das cooperativas de crédito. Silva, Padilha e Silva (2015) relatam que o nome do novo modelo advém da junção das letras iniciais em inglês dos indicadores que o compõe, sendo *Protection* (proteção), *Effective financial structure* (estrutura financeira efetiva), *Assets quality* (qualidade de ativos), *Rates of return and costs* (taxas de retorno e custos), *Liquidity* (liquidez) e *Signs of growth* (sinais de crescimento).

Constituindo-se de um sistema de aviso prévio, em que é possível identificar uma cooperativa com uma estrutura de capital frágil, visando proporcionar a identificação rápida dos problemas, são alguns dos atributos citados por Silva, Padilha e Silva (2015) como benefícios do PEARLS. Richardson (2009) justifica que os objetivos para sua disseminação são a utilização como ferramenta de gestão executiva, padronização de fórmulas e terminologias, proporcionar e incentivar a comparação entre entidades dos mais diversos países, e, por último, facilitar a supervisão. Kidney (2016) acrescenta que o uso facilita o planejamento financeiro e a execução de atividades de *compliance* nas cooperativas de crédito.

As provisões para perdas na concessão de financiamentos são a primeira linha de defesa para situações não esperadas pela cooperativa, fazendo parte do indicador proteção, conforme publicação da WOCCU (2012), vital para Kidney (2016) na salvaguarda dos recursos dos associados. Quanto ao item estrutura financeira efetiva, a autora cita que são propostos balizadores visando a maior rentabilidade possível através das atividades da cooperativa, almejando com que os recursos administrados sejam em sua grande maioria

proveniente dos sócios, evitando as oscilações nos rendimentos pagos em valores captados no mercado aberto.

A qualidade dos ativos é monitorada através de tópico específico dentro do PEARLS, com atenção ao comprometimento em valores concedidos com atrasos nos pagamentos superiores a 30 dias, além da busca pela baixa alocação de recursos com objetos imobilizados. Assim preconiza a WOCCU (2012), elencando ainda padrões de margens de lucro e custos diante de índices de mercado, como aqueles que remuneram investimentos com risco semelhante ao da cooperativa, ou os de inflação, calculada no período em que houve as atividades. A organização reforça a importância deste último aspecto como inerente a capacidade da cooperativa gerar recursos para sustentar o seu crescimento.

Assegurar aos sócios que seus depósitos estejam disponíveis sempre que assim desejam está relacionado ao aspecto de liquidez, cita Richardson (2009), onde são sugeridas referências para a gestão de recursos caso ocorram necessidades de valores no curto prazo. Como último item da sigla, menciona o autor, os sinais de crescimento incorporam uma série de variáveis, como aumento ou não do número de sócios, nos valores emprestados ou depositados pelos sócios, na captação de recursos do mercado, entre outros. Richardson aponta que o objetivo geral continua sendo o de captar tendências das variáveis para a tomada de decisões dos gestores da organização, tendo como finalidade a perpetuação da cooperativa em seu mercado.

Além de conceber o método, a WOCCU cita através de suas publicações, uma delas veiculada no ano de 2012, indicações de parâmetros a serem buscados em cada um dos itens dos grupos de contas do PEARLS, chamados de padrões de excelência. Um deles é que o almejado para o indicador do tópico E1 do grupo estrutura financeira efetiva seja um percentual de 70% a 80%, este resultando do quociente entre operações de crédito líquidas e o ativo total. A própria WOCCU (2012) cita que cada vez mais instituições supervisoras nacionais dos diversos países vêm adotando o método como parâmetro de fiscalização para com as cooperativas.

3 METODOLOGIA

Em sua extensão de método de pesquisa, trata-se de um estudo de caso, visto que observa duas instituições com intuito de conhecer certas situações e possíveis fatores de influência sem, no entanto, interpor sobre o objeto de estudo, mas sim mostrando-o em seu ponto de vista, como descreve Fonseca (2002, p. 33, apud SILVEIRA; CORDOVA, 2009, p. 39). Este estudo de caso é um comparativo porque, como aborda Gil (2008, p. 16-17, apud PRADANOV e FREITAS, 2013, p. 38), objetiva evidenciar percepções sobre diferenças e semelhanças entre as duas entidades inspecionadas

A esta pesquisa, atribui-se ainda a natureza aplicada, por convergir com a ideia colocada por Teixeira et al. (2009), de que este modelo tenta gerar entendimentos de forma a aplicá-los na prática em busca de solução de determinada problemática, circundando interesses e realidades locais. Adota o procedimento documental, por utilizar como de fontes de dados necessários às análises, algumas dentre as sugeridas por Fonseca (2002, p. 32, apud SILVEIRA; CORDOVA, 2009, p. 31), como documentos diversificados e livres de tratamentos analítico, o que, no entanto, não exclui a contribuição do procedimento bibliográfico, visto a necessidade do levantamento de uma base teórica para alcance de resultados de uma pesquisa, como explica Prodanov e Freitas (2013).

Quanto à abordagem, considerando que aqui objetiva-se analisar e interpretar quantitativamente valores correlacionados mas, ao mesmo tempo, buscando entender estas correlações e possíveis fatos delas decorrentes, podemos classificar este trabalho como quanti-qualitativo, tomando como base o pensamento de Gatti (2002, apud SOUZA;

KERBAUY, 2017, p. 17) de que, em uma pesquisa, pode existir associação entre quantidade e qualidade, uma vez que a grandeza de determinado fenômeno pode ser mensurada em uma quantidade, mas também pode precisar ser interpretada qualitativamente, com base em certo referencial, para que assim adquira um significado em si.

Através desta metodologia, analisaremos os indicadores de duas cooperativas de crédito filiadas a um dos mais importantes sistemas cooperativos nacionais com a finalidade de atender aos objetivos da pesquisa.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A cooperativa 1, situada no estado da Paraíba onde atende algumas das maiores cidades, é segmentada aos servidores públicos deste estado, fundada em abril de 1999 na cidade de Campina Grande e hoje com um número aproximado de 8.000 associados, tem como principal produto ofertado o empréstimo consignado. E a cooperativa 2 atua em algumas cidades do estado de Pernambuco, também é segmentada aos servidores públicos, embora com projeto de abertura para livre admissão na região metropolitana de Recife; fundada no ano de 2000, atualmente possui cerca de 16.000 associados e também tem destaque na concessão de empréstimos consignados.

Para análise dos dados, aqui foram estudados os relatórios anuais 2018 e balancetes analíticos dos referentes aos períodos novembro/2018 e dezembro/2018, documentos estes fornecidos pelos setores de contabilidade de ambas as instituições. Vale lembrar que os balanços patrimoniais destas e outras instituições financeiras, sejam cooperativas ou bancos, estão disponíveis na página do Banco Central do Brasil, na internet, na seção Sistema Financeiro Nacional, em sua subseção de informações para análise econômica financeira (BACEN, 2018b).

O modelo proposto pelo PEARLS foi aplicado nas cooperativas visando a análise comparativa de indicadores, em que foram escolhidas cooperativas com aspectos de similaridade, integrantes de um mesmo sistema, atuante para público semelhante e próximas geograficamente. Todos os cálculos apontados pelo modelo foram realizados, com análise individual de cada um dos aspectos conforme dados a seguir:

Quadro 1. “Protection” (proteção)

Indicador	Descrição	Cooperativa 1	Cooperativa 2
P1	Provisão para perdas estimadas sobre créditos de liquidação duvidosa/ Carteira Classificada Total	1,84%	2,73%
P2	Operações de crédito vencidas /Carteira Classificada Total	2,58%	2,29%
P3	Operações de Risco nível D até H/Classificação da carteira de créditos	3,21%	3,73%
P4	Operações de Risco nível D até H – Percentual de Provisão Estimado nível D até H /Patrimônio Líquido Ajustado	4,84%	5,94%

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Bressan et al. (2010).

Dentre os quatro indicadores propostos pelo item Proteção, na maioria deles a cooperativa 1 se sai melhor, visto que em suma, o que se propõe é que quanto menores os valores melhores os seus desempenhos. O item tem por objetivo analisar o total de carteira de crédito vencida ou com risco elevado perante o total emprestado aos associados pela cooperativa. Nas provisões para liquidação duvidosa (P1), a 2 tem quase 1% a mais provisionado para este fim, se aproximando a 3% da carteira total, em compensação, no total

de operações vencidas (P2), os valores praticamente são os mesmos, com os da 1 um pouco acima.

Ao verificar as operações com risco em nível D até H, na comparação com a carteira de crédito (P3), os valores entre as cooperativas praticamente se assemelham, porém, ao confrontar com o patrimônio líquido ajustado (PLA) (P4), a 2 possui valores 1% maiores. Analisando este item, que demonstra quanto o PLA suportaria com perdas advindas destas operações, em consonância com os demais, é possível inferir que a 2 deve tomar atenção para com a deterioração de sua carteira.

Através dos dados estudados, não há como verificar se a 2 está com tendência de piora nos números ou não, porém pode ser feita revisão na concessão de créditos sem garantia através da folha, os chamados consignados. Conclui-se dessa forma por meio do cenário econômico brasileiro do ano analisado, com crescimento baixo e crise nas contas públicas, o que prejudica a melhoria nos salários dos servidores públicos, que podem ficar sem reajustes, nem mesmo aqueles corrigidos através da inflação calculada anualmente.

Quadro 2. “Effective financial structure” (estrutura financeira eficiente)

Indicador	Descrição	Cooperativa 1	Cooperativa 2
E1	Operações de crédito líquidas/ Ativo Total	70,28%	74,15%
E2	Investimentos Financeiros/ Ativo Total	16,96%	19,18%
E3	Capital Social/ Ativo Total	16,40%	15,01%
E4	Capital Institucional/ Ativo Total	8,25%	3,57%
E5	Renda de intermediação financeira/ Ativo Total Médio	1,95%	2,00%
E6	Ativo Total / Patrimônio Líquido Ajustado	354,39%	514,49%

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Bressan et al. (2010).

Na sequência das informações constantes no método, a estrutura financeira é explorada, visando verificar se está de acordo com os parâmetros ideais estabelecidos pela WOCCU. Dentre os seis itens, em três deles as cooperativas possuem dados melhores ou entre os valores considerados ideais, não sendo assim nos demais, porém com justificativas para tal. No E1, a 2 se destaca por investir quase 5% a mais que a 1 em carteira de crédito perante o ativo total, mas esta última ainda está dentro do que é almejado, entre 70 e 80% do total.

As rendas provenientes da intermediação financeira correspondem a praticamente o mesmo percentual nas duas cooperativas, em torno de 2% do ativo total médio, exposto no E5, visto que somente advém das operações de concessão de crédito, não havendo, em ambas, ganhos com outras fontes, como depósitos interfinanceiros ou investimentos em derivativos. No E2 os investimentos financeiros perante o ativo total estão acima dos 10% recomendados, porém estão alocados totalmente através de depósitos nas cooperativas centrais, sem destinação em títulos ou outros instrumentos financeiros.

As cooperativas se destacam por uma participação adequada do capital social perante o ativo total das instituições (E3), em torno de 15%, porém estão abaixo do que a WOCCU recomenda como participação do capital institucional (E4), aquele formado por reservas legais, sobras não distribuídas e outras, em que o ideal seria 10%. A 1 se aproxima do valor, com 8,25%, porém a 2 fica muito abaixo, em torno de 3,5%, somente 35% do que é explicitado pelo modelo. A justificativa para tal pode advir de vários fatores, inclusive uma pressão maior dos associados por distribuição de resultados, mercado mais disputado pela concorrência, entre outros.

Ao se verificar a alavancagem existente em cada uma das instituições (E6), fica mais uma vez evidenciado os fatores citados nos indicadores E3 e E4, com a cooperativa 2 estando quase 2 vezes mais alavancada que sua similar da Paraíba. Mesmo assim, valores entre 6 e 12 vezes são considerados normais pela organização mundial, portanto os resultantes estão de acordo com as práticas de outras cooperativas atuantes no exterior.

Quadro 3. “Assets quality” (qualidade de ativos)

Indicador	Descrição	Cooperativa 1	Cooperativa 2
A1	Ativo Permanente + Ativos não direcionados com atividade fim da cooperativa/ Patrimônio Líquido Ajustado	41,74%	23,18%
A2	Imobilização = Ativo Permanente / Patrimônio Líquido Ajustado	19,00%	17,28%
A3	Ativos não direcionados com a atividade fim da cooperativa/Ativo total	16,06%	6,06%
A4	Depósitos totais /Ativo total	58,11%	56,18%

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Bressan et al. (2010).

Nas contas do ativo, conforme item A do modelo, são examinados parâmetros quanto a qualidade das alocações dos recursos. Destacam-se de imediato as contas A1 e A3 do tópico, que demonstram a utilização de valores para ativos fixos e não direcionados com a atividade fim da cooperativa, em que a 1 possui praticamente o dobro que sua coligada no item A1 e 10% a mais no A3. No primeiro evidencia-se um valor de quase 10 milhões a mais na conta Diversos do que a instituição de Pernambuco, algo determinante para tal diferença entre elas. A necessidade de atenção para o tema se justifica ao se ressaltar que nem a 2 enquadra-se no limite estipulado pela WOCCU para o item A3, que seria de 5%, ficando 1% acima do limitador.

As diferenças quanto as alocações na atividade fim não são justificadas pela imobilização de valores, conforme elucidado no indicador A2, em que os valores ficam praticamente os mesmo para ambas, na casa dos 20%. Já no item A4, as instituições ficam abaixo do recomendado pela União Mundial, que seria de 70% a 80% dos valores do ativo serem advindo de depósitos de associados na cooperativa, em que para os dois o índice não chega a 60%.

Quadro 4. “Rates of return and costs” (taxas de retorno e custos)

Indicador	Descrição	Cooperativa 1	Cooperativa 2
R1	Rendas de operações de crédito /Operações de crédito média	3,22%	2,75%
R2	Renda líquida de investimento financeiro/ Investimento financeiro médio	0,55%	0,46%
R3	Despesas de Depósito a prazo/ Depósitos a prazo	0,39%	0,48%
R4	Despesas de Obrigações por empréstimos e repasses/ Obrigações por empréstimos e repasses médio	0,80%	0,96%
R5	Margem Bruta/Ativo Total Médio	4,69%	4,32%
R6	Despesas Operacionais/Ativo Total Médio	2,06%	1,89%
R7	Sobras /Ativo total médio	0,56%	0,54%
R8	Sobras /Patrimônio líquido ajustado médio	1,99%	2,76%
R9	Resultado da Intermediação Financeira/ Receita Operacional	78,48%	61,49%
R10	Sobras / Receita Operacional	21,42%	22,10%

R11	Rendas de prestação de serviços /Despesas administrativas	9,06%	9,22%
R12	Despesas de Gestão /Despesas Administrativas	69,71%	51,47%
R13	Despesas Administrativas /Ativo Total Médio	0,57%	0,50%

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Bressan et al. (2010).

As atividades de ambas as instituições, assim como empresas privadas do mercado, precisam incorrer em retorno para que se mantenham competitivas e deem os resultados almejados pelos associados. No que se refere a rendas sobre operações de crédito (R1), principal fonte de retorno, a 1 consegue extrair 0,5% a mais que a 2 dentre o total de todos os contratos. Além disso, têm ganho 20% maior líquido em investimento financeiro do que sua coirmã (R2), tendo também 15% a mais de resultados da intermediação financeira (R9). Quanto a renda de prestação de serviços, ambas as cooperativas estão na casa dos 9% sobre as despesas administrativas (R11), demonstrando o pouco foco na área perante a principal, a concessão de crédito.

Com vistas a uma maior margem líquida, o controle dos custos e despesas é necessário, como traz também o mesmo item do método PEARLS. Conforme indicadores, a cooperativa paraibana consegue captar depósitos a prazo (R3) a um custo em média 0,10% menor que a cooperativa pernambucana, visto que a 1 precisa desembolsar, em média, praticamente a mesma taxa de poupança a seus associados, enquanto a 2 se aproxima da remuneração do Certificado de Depósito Interbancário (CDI). A instituição paraibana também possui despesas 20% menores nas obrigações por empréstimos e repasses (R4), estando novamente favorecida neste aspecto.

A mesma vantagem nos custos e despesas dos itens R3 e R4 não se perpetuam nos itens R6, R12 e R13, com a 2 tendo 1,89% de despesas operacionais perante o ativo total médio contra 2,06 da paraibana, uma diferença muito significativa, visto o valor do ativo de cada uma delas. Já as despesas administrativas não sugerem grande desigualdade entre as duas (R12), porém chama a atenção os gastos 20% maiores com gastos inerentes a gestão na comparação com as despesas administrativas, passível de análise por conta da paraibana.

Os resultados com receitas e despesas refletem no demais indicadores, resultando em um panorama em que apesar de ter maior margem bruta (R5), a 1 praticamente empata com sua coirmã nas sobras perante o ativo total médio (R7), e perde na capacidade de gerar sobras perante o PLA (R8) e ante a receita operacional (R10). Sendo assim, a paraibana 1 tem remuneração sobre o capital próprio quase 0,7% a menos que a pernambucana 2, demonstrando a ligação direta com o pagamento de retorno aos associados.

Quadro 5. “Liquidity” (liquidez)

Indicador	Descrição	Cooperativa 1	Cooperativa 2
L1	Disponibilidades/ Depósitos à Vista	36,36%	13,21%
L2	Ativos de curto prazo/ Depósitos totais	30,08%	34,87%
L3	Caixa Livre/ Ativo Total	17,48%	19,59%

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Bressan et al. (2010).

No t3pico inerente condi33es da cooperativa em responder a necessidades imediatas de recursos, s3o 3 os indicadores. Dois deles n3o possuem par3metros, por3m quanto maior o valor, melhor a liquidez, sendo o L2 e L3. Em ambos, os valores entre as institui33es ficaram praticamente os mesmos, em torno de 35% para o primeiro e 20% para o segundo, com diferen3as de no m3ximo 5% nos valores das coligadas. J3 no primeiro item, o L1, a 1 possui 3 vezes mais capacidade de responder a compromissos imediatos, quando analisadas as disponibilidades perante os dep3sitos 3 vista.

Os resultados do indicador L1 n3o s3o adequados ao que a WOCCU predisp3e, que seriam de 100% ou mais, o que demonstra as dificuldades que ambas podem enfrentar com ocorr3ncias abruptas em suas opera33es, que podem criar complica33es e exigirem medidas nem sempre bem vistas perante os associados.

Quadro 6. “Signs of growth” (sinais de crescimento)

Indicador	Descri33o	Cooperativa 1	Cooperativa 2
S1	Crescimento da Receita Operacional = (Receita Operacional do m3s corrente/ Receita Operacional do m3s anterior) – 1	8,40%	-6,91%
S2	Crescimento da Capta33o Total= Capta33o Total do m3s corrente / Capta33o Total do m3s anterior) – 1	2,64%	2,71%
S3	Crescimento das Opera33es de cr3dito com n3vel de risco D-H = Opera33es de cr3dito com n3vel de risco D-H do m3s corrente / Opera33es de cr3dito com n3vel de risco D-H do m3s anterior) – 1	-17,63%	4,72%
S4	Crescimento dos Ativos n3o direcionados com atividade fim da cooperativa (Andaf) = Andaf do m3s corrente / Andaf do m3s anterior) – 1.	24,02%	1,32%
S5	Crescimento da Provis3o sobre opera33es de cr3dito = Provis3o sobre opera33es de cr3dito do m3s corrente / Provis3o sobre opera33es de cr3dito do m3s anterior) - 1	-3,39%	3,46%
S6	Crescimento das despesas administrativas = (despesas administrativas do m3s corrente/ despesas administrativas do m3s anterior) -1	68,72%	5,03%
S7	Crescimento do Patrim3nio L3quido Ajustado = (PLA do m3s corrente/ PLA do m3s anterior) -1	-0,07%	4,96%
S8	Crescimento do Ativo total = (AT do m3s corrente/ AT do m3s anterior) -1	2,58%	1,21%
S9	Crescimento das opera33es de cr3dito = (Opera33es de cr3dito do m3s corrente/ Opera33es de cr3dito do m3s anterior) -1	-0,36%	1,46%

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Bressan et al. (2010).

O 3ltimo do conjunto de indicadores preconizados pelo m3todo PEARLS traz aspectos interessantes com vistas ao crescimento sustent3vel das cooperativas. Entre eles est3o taxas de crescimento da capta33o, das opera33es de cr3dito, entre outros. Primeiramente dois deles em que as institui33es analisadas est3o com bons resultados, como os de crescimento do ativo total (S8) e da capta33o total (S2), em que para ambos o ativo cresce acima da infla33o, seguindo recomenda33o da WOCCU, e continuam com aumento dos dep3sitos totais, com eleva33o de quase 3% no 3ltimo m3s. J3 o patrim3nio l3quido ajustado (PLA), fica est3vel, como demonstrado no S7, podendo vir a subir com o fechamento dos resultados do exerc3cio.

Fonte usualmente principal para a rentabilidade das cooperativas, a varia33o no volume de opera33es de cr3dito difere entre as coligadas analisadas. Ao verificar os indicadores S1, S3, S5 e S9, nota-se um movimento interessante na institui33o paraibana, em que ao mesmo tempo que praticamente mant3m est3vel seu volume de opera33es diminui em

mais de 15% os contratos com risco D-H e em 3% as provisões de risco de crédito. Como resultante, registra-se no período um crescimento próximo de 10% na receita operacional, em comparação com uma queda de quase 7% na pernambucana, que teve incremento de quase 1,5% nas operações totais, mas que ocorreram em consonância com a expansão nos contratos de risco classificados em D-H e consequente provisão sobre o total.

Os números citados demonstram que de nada vale o crescimento na carteira geral visando o incremento das sobras, caso haja a deterioração da capacidade de pagamento dos associados para com suas operações, com consequente provisão dos resultados. Mas a 1 não está fazendo bom trabalho em todos os tópicos dos sinais, aqueles descritos como S4 e S6 exibem um crescimento muito acima do normal dos ativos não direcionados para a atividade fim e, por fim, nas despesas administrativas. Há um aumento de 68% de um mês para outro, fruto das despesas de migração entre sistemas e realocação de despesas em contas diferentes daquelas utilizadas no sistema anterior, porém deve ser observada sua trajetória a frente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cooperativas de crédito têm tido um grande crescimento no Brasil nos últimos anos, sendo um elo importante no sistema financeiro nacional para atender pessoas em locais nem sempre tão atrativos aos bancos tradicionais, além de disseminar a competição, garantindo serviços mais baratos ao público. No que compete ao Nordeste, área de atuação das duas cooperativas analisadas, há um amplo espaço para expansão, carente de atenção para com as pequenas comunidades. A história do cooperativismo de crédito no Brasil e no mundo demonstra como elas são importantes para o desenvolvimento local, tanto que o Banco Central do Brasil as considera estrategicamente necessárias para os seus planos de democratização de acesso ao sistema bancário.

O modelo PEARLS de indicadores se mostra importante no cenário de evolução atual, em que há a procura crescente do público para com as cooperativas, podendo levar a um crescimento desordenado destas instituições. Estas organizações são de propriedade dos sócios, portanto o seu mau funcionamento pode ocasionar perdas à coletividade, gerando danos à imagem das demais e prejudicando as comunidades atendidas. O modelo traz padrões internacionais de gestão, nem sempre totalmente adequados para a realidade brasileira ou regional, porém servem de balizadores para a atenção dos administradores com certos aspectos primordiais para a atuação da instituição.

Ao analisar as duas cooperativas propostas como objeto de estudo através do PEARLS, notam-se aspectos a serem revisados pelos gestores, com vistas a problemas que podem incorrer destes fatores. Levando em conta cada grupo do modelo, o de proteção demonstra a necessidade de atenção da cooperativa 2 para com o agravamento dos níveis de risco de suas operações, estes acima de sua coirmã analisada. Apesar da cooperativa 1 ter mais operações inadimplentes perante a carteira total, a 2 possui um maior volume de crédito em nível D até H, mostrando uma cobrança mais efetiva antes que ocorra o repasse da operação para prejuízo, o que pode servir de exemplo para a segunda instituição.

A estrutura financeira e a qualidade dos ativos revelam um comprometimento acima do recomendado em valores direcionados para atividades não sendo a fim da cooperativa 1, incorrendo em uma menor alocação para operações de crédito, quase 5% a menos que a 2. A revisão das alocações pode trazer mais recursos para a atividade fim e melhorar os resultados da instituição 1, ao mesmo tempo que a 2 pode reduzir sua alavancagem com o aumento do capital institucional, este último sendo a metade do índice de sua coirmã. Um plano de trabalho visando melhorar as sobras e assim alocar mais recursos para o capital institucional pode ser uma alternativa para melhorar as condições da cooperativa 2 quanto a sua alavancagem, reduzindo os riscos com a captação de recursos de terceiros no mercado.

As cooperativas, assim como as empresas privadas, buscam as sobras para a expansão e permanência no mercado. O grupo que avalia as taxas de retornos e custos atesta que a cooperativa 1, apesar de ter maior renda nas operações de crédito e maior margem bruta perante o ativo, não consegue traduzir isto em mais sobras perante a receita operacional. O mesmo subgrupo traz que as despesas administrativas e operacionais da instituição 1 são maiores, mesmo com uma despesa com depósitos a prazo a níveis de poupança, 0,39%, comparado a 0,49% da pernambucana, mais próximas de taxas atuais do CDI. A organização 1 portanto corre riscos com uma possível cobrança de maiores retornos perante os depósitos, o que afetaria diretamente ainda mais as suas sobras.

Os dois últimos tópicos do PEARLS trazem um movimento interessante da cooperativa 1 como exemplo para a 2, esta primeira manteve praticamente estável o seu volume de operações de crédito, porém conseguiu elevar em 8% a receita operacional com a redução de quase 20% nas operações de risco D a H, em contraste com o crescimento da 2 nas operações mas queda de 7% na receita operacional. Ainda no mesmo grupo, mais uma vez fica evidente o crescimento com ativos não direcionados a atividade fim na cooperativa 1, além do aumento de quase 70% nas despesas administrativas, explicadas pelas despesas com troca de sistema. Por último, fica o alerta às duas instituições quanto a níveis baixos de liquidez para responder a eventos abruptos que podem ocorrer no curto prazo.

As análises revelam a importância do método PEARLS para trazer aspectos importantes à gestão, além de mostrar como pode ser útil o estudo de outras cooperativas por parte dos gestores, em que boas iniciativas podem vir a serem copiadas. Fica o desafio de ambas as instituições de reforçarem seus pontos fracos diante do cenário de incertezas quanto ao setor público brasileiro, que passa por dificuldades financeiras, impactando-as diretamente por conta do seu público restrito a servidores. Mesmo com limitações na precisão do diagnóstico, devido ao curto espaço de tempo os quais as demonstrações se baseiam, tendências podem ser captadas e corrigidas com a devida utilização dos resultados. Para tanto, sugere-se novos estudos de dados financeiros destas e outras cooperativas de crédito, em períodos diversos, através do método PEARLS. Não menos importante seria a busca por novos modelos de análises de dados e gestão efetiva através destes.

REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, Alexandre; LIMA, Fabiano Guasti. **Curso de Administração Financeira**. São Paulo: Atlas, 2014.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Panorama do Sistema Nacional de Crédito Cooperativo Data Base 2018**. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/content/estabilidadefinanceira/coopcredpanorama/9_panorama_sncc_2018.pdf>. Acesso em: 01 set. 2019.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Agenda BC**. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/acessoinformacao/bcmais_inclusao>. Acesso em: 01 set. 2019.

BRESSAN, Valéria Gama Fully et al. Uma proposta de indicadores contábeis aplicados às cooperativas de crédito brasileiras. **RC&C: Revista de Contabilidade e Controladoria**, Curitiba, v. 2, n. 4, p.58-80, 11 dez. 2010. Universidade Federal do Paraná.

BRESSAN, Valéria Gama Fully et al. Quais Indicadores Contábeis Financeiros do Sistema PEARLS são relevantes para a análise de insolvência das Cooperativas Centrais de Crédito do Brasil? **Revista Contabilidade Vista & Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 01, p.74-98, jan. 2014.

GERHARDT, Tatiane Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

KIDNEY, Isabelle. **PEARLS Manual**. ILCU Foundation, 2016. 39 p.

MAGRI, Cledir A. **Cooperativismo de Crédito Solidário: Reflexões e Boas Práticas**. Passo Fundo: IFIBE, 2010. 325 p.

MAGRI, Cledir A.; CORREA, Ciro Eduardo. **Cooperativismo de Crédito Familiar e Solidário: Instrumento de Desenvolvimento e Erradicação da Pobreza**. Passo Fundo: IFIBE, 2012. 195 p.

MEINEN, Enio; PORT, Marcio. **Cooperativismo Financeiro: Percorso Histórico, Perspectivas e Desafios**. Brasília: Confedbras, 2014. p. 550.

PAGNUSSALTT, Alcenor. **Guia do Cooperativismo de Crédito**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2004.

PORT, Marcio. **Diálogos Sobre Cooperativismo: História da Primeira Cooperativa de Crédito do Brasil**. Porto Alegre: Fundação Sicredi, 2015.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RICHARDSON, David C. **PEARLS Monitoring System**. Madison: WOCCU, 2009. 39 p.

ROSS, Stephen A et al. **Fundamentos de Administração Financeira**. São Paulo: Amgh, 2013.

SILVA, Alini da; PADILHA, Edilson Sidnei; SILVA, Tarcisio Pedro da. Análise da Performance Econômico-Financeira das 25 Maiores Cooperativas de Crédito Brasileiras. **Revista Desenvolvimento em Questão**, Ijuí, v. 13, n. 32, p.303-333, set. 2015.

SOUZA, Kellcia Rezende; KERBAUY, Maria Teresa Miceli. Abordagem quanti-qualitativa: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação. **Educação e Filosofia**, [s.l.], v. 31, n. 61, p.21-44, 30 abr. 2017. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia. <http://dx.doi.org/10.14393/revedfil.issn.0102-6801.v31n61a2017-p21a44>.

TEIXEIRA, Enise Barth; ZAMBERLAN, Luciano; RASIA, Pedro Carlos. **Pesquisa em Administração**. Ijuí: Unijuí, 2009.

VALOR ECONOMICO. **VALOR 1000**. Disponível em: <
<https://www.valor.com.br/valor1000/2019/ranking100maioresbancos>>. Acesso em: 01 set. 2019.

WOCCU. **A Technical Guide to PEARLS: A Performance Monitoring System**. Madison: 2012. 12 p.

APÊNDICE A – TABELA DE OBJETIVOS E REFERENCIAIS DE CADA ÍNDICE

Proteção			
Indicador	Descrição	Objetivo	Recomendação
P1	Provisão para liquidação duvidosa sob operações de crédito/ Carteira Classificada Total	Objetivo: medir o volume de provisão de créditos de liquidação duvidosa em relação à carteira classificada total.	Recomendação: quanto menor, melhor.
P2	Operações de crédito vencidas /Carteira Classificada Total	Objetivo: demonstrar a parcela da carteira de crédito vencida em relação ao total da carteira de crédito.	Recomendação: quanto menor, melhor.
P3	Operações de Risco nível D até H/Classificação da carteira de créditos	Objetivo: demonstrar a parcela da carteira de crédito classificada com nível de risco superior a 61 dias de atraso.	Recomendação: quanto menor, melhor.
P4	Operações de Risco nível D até H – Percentual de Provisão Estimado nível D até H /Patrimônio Líquido Ajustado	Objetivo: demonstrar a parcela da carteira de crédito classificada com nível de risco superior a 61 dias de atraso não provisionada em relação ao patrimônio líquido ajustado.	Recomendação: quanto menor, melhor. Indicando que o PLA suportaria perdas associadas à carteira de crédito com nível de risco referente a atraso superior a 61 dias.

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Bressan et al. (2010).

Estrutura Financeira Efetiva			
Indicador	Descrição	Objetivo	Recomendação
E1	Operações de crédito líquidas/ Ativo Total	Objetivo: medir a porcentagem do ativo total investido na carteira de crédito da cooperativa.	Recomendação: deve variar entre 70 a 80%.
E2	Investimentos Financeiros/ Ativo Total	Objetivo: medir a porcentagem do ativo total investido em ativos financeiros.	Recomendação: deve ser inferior a 10%.
E3	Capital Social/ Ativo Total	Objetivo: medir a porcentagem do ativo total ajustado financiado pelos cooperados.	Recomendação: conforme sugestão do WOCCU, este percentual deve ser no máximo de 20%.
E4	Capital Institucional/ Ativo Total	Objetivo: medir a porcentagem do ativo total financiado pelo capital institucional, sendo este referente às reservas legais e não-distribuíveis, doações de capital e sobras não distribuídas. O capital institucional constitui-se no capital da cooperativa exceto o capital do cooperado.	Recomendação: deve ser no mínimo de 10%.
E5	Renda de intermediação financeira/ Ativo Total Médio	Objetivo: medir a proporção de rendas de intermediação financeira em relação do ativo total ajustado.	Recomendação: Quanto maior, melhor.
E6	Ativo Total / Patrimônio Líquido Ajustado	Objetivo: mensurar a utilização de recursos próprios no financiamento aos ativos detidos pela cooperativa de crédito. Este pode ser denominado um indicador de alavancagem. Quanto mais alavancada a cooperativa, maior a participação de capitais de terceiros. Quanto menos alavancada a cooperativa, menor sua disposição em captar recursos no mercado e assumir riscos e, portanto, menor a possibilidade de auferir rendimentos.	Recomendação: quanto menor, melhor, considerando a perspectiva de solvência. Valores extremos indicam situação ruim. De acordo com informações do Banco Central do Brasil, valores entre 6 e 12 são normais, enquanto valores extremos merecem maior atenção.

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Bressan et al. (2010).

Qualidade dos Ativos			
Indicador	Descrição	Objetivo	Recomendação
A1	Ativo Permanente + Ativos não direcionados com atividade fim da cooperativa/ Patrimônio Líquido Ajustado	Objetivo: mensurar o grau de utilização de recursos próprios com ativos fixos e ativos não direcionados à atividade-fim da cooperativa. Quanto maior o valor, menor o foco da instituição em sua atividade fim.	Recomendação: quanto menor, melhor.
A2	Imobilização = Ativo Permanente / Patrimônio Líquido Ajustado	Objetivo: de acordo com a Resolução 2.669/99 do Banco Central do Brasil, o total dos recursos aplicados no Ativo Permanente não pode ultrapassar 80% (oitenta por cento) do valor do patrimônio líquido ajustado (PLA), após dezembro de 2002.	Recomendação: inferior a 50%
A3	Ativos não direcionados com a atividade fim da cooperativa/Ativo total	Objetivo: demonstrar a relação dos ativos que não geram receitas em relação ao Ativo Total, ou seja, são ativos não usuais.	Objetivo: o limite estabelecido para este indicador é de 5%.
A4	Depósitos totais /Ativo total	Objetivo: demonstrar o total dos ativos que provêm de depósitos.	Recomendação: a meta estabelecida se encontra entre 70% e 80%.

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Bressan et al. (2010).

Taxas de Retorno e Custos			
Indicador	Descrição	Objetivo	Recomendação
R1	Rendas de operações de crédito /Operações de crédito média	Objetivo: medir o rendimento da carteira de crédito.	Recomendação: este indicador deve contribuir para manter o capital institucional em pelo menos 10%.
R2	Renda líquida de investimento financeiro/ Investimento financeiro médio	Objetivo: medir o rendimento dos investimentos financeiros.	Recomendação: a WOCCU sugere que este indicador tenha uma alta taxa.
R3	Despesas de Depósito a prazo/ Depósitos a prazo	Objetivo: medir o custo dos depósitos a prazo.	Recomendação: esta taxa deve proteger o valor nominal dos depósitos a prazo, sugerindo que ela seja superior à taxa de inflação.
R4	Despesas de Obrigações por empréstimos e repasses/ Obrigações por empréstimos e repasses médio	Objetivo: medir o custo dos fundos de empréstimos.	Recomendação: esta taxa deve proteger o valor nominal dos depósitos a prazo, e se sugere que seja a mesma, ou com custo inferior ao indicador R3.
R5	Margem Bruta/Ativo Total Médio	Objetivo: medir a margem de renda bruta gerada em relação ao ativo total médio.	Recomendação: este índice deve gerar renda suficiente para cobrir as despesas e prover adequado aumento do capital institucional.
R6	Despesas Operacionais/Ativo Total Médio	Objetivo: medir o custo associado com o gerenciamento de todos os ativos da cooperativa de crédito, indicando o grau de eficiência ou ineficiência operacional.	Recomendação: este índice deve ser inferior a 10%.
R7	Sobras /Ativo total médio	Objetivo: medir a adequação dos ganhos e também a capacidade de construção do capital social. Este é um indicador de rentabilidade sobre o Ativo.	Recomendação: quanto maior, melhor.
R8	Sobras /Patrimônio líquido ajustado médio	Objetivo: medir a remuneração do capital próprio. Este é um indicador de rentabilidade sobre o PL.	Recomendação: quanto maior, melhor.
R9	Resultado da Intermediação Financeira/ Receita Operacional	Objetivo: medir o resultado das atividades de intermediação financ. em relação à receita operacional.	Recomendação: quanto maior, melhor.
R10	Sobras / Receita Operacional	Objetivo: medir o quanto de sobras foi gerado em relação às receitas operacionais.	Recomendação: quanto maior, melhor.
R11	Rendas de prestação de serviços /Despesas administrativas	Objetivo: medir o percentual das despesas administrativas cobertas pelas receitas de prestação de serviços.	Recomendação: quanto maior, melhor.
R12	Despesas de Gestão /Despesas Administrativas	Objetivo: medir o percentual das despesas de gestão em relação ao total das despesas administrativas.	Recomendação: a despesa de gestão deve ser suficiente para que a cooperativa de crédito atenda com efetividade às demandas dos cooperados.
R13	Despesas Administrativas /Ativo Total Médio	Objetivo: medir o percentual das despesas administrativas em relação ao ativo total.	Recomendação: a despesa administrativa deve ser o suficiente para que a cooperativa de crédito atenda com efetividade às demandas dos cooperados, por isso deve ser analisada em conjunto com os demais indicadores do sistema PEARLS.

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Bressan et al. (2010).

Liquidez			
Indicador	Descrição	Objetivo	Recomendação
L1	Disponibilidades/ Depósitos à Vista	Objetivo: mensurar a capacidade da cooperativa de crédito em satisfazer seus compromissos imediatos, pois ambas as contas são de curto prazo. Este constitui em um dos indicadores de solvência.	Recomendação: igual ou superior a 1.
L2	Ativos de curto prazo/ Depósitos totais	Objetivo: este indicador é uma proxy para a liquidez corrente.	Recomendação: quanto maior, melhor.
L3	Caixa Livre/ Ativo Total	Objetivo: mensurar a participação do que há de mais líquido na cooperativa em relação ao ativo.	Recomendação: quanto maior, menor o risco de liquidez.

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Bressan et al. (2010).

Sinais de Crescimento			
Indicador	Descrição	Objetivo	Recomendação
S1	Crescimento da Receita Operacional = (Receita Operacional do mês corrente/ Receita Operacional do mês anterior) – 1	Objetivo: medir a taxa de crescimento da receita operacional	Recomendação: quanto maior, melhor. Todavia é importante avaliar se este crescimento é decorrente de maquiagem no balanço.
S2	Crescimento da Captação Total= Captação Total do mês corrente / Captação Total do mês anterior) – 1	Objetivo: medir o percentual de crescimento da captação total. A captação total, em síntese, representa os valores que as cooperativas obtiveram em decorrência de suas operações com depósitos.	Recomendação: quanto maior, melhor.
S3	Crescimento das Operações de crédito com nível de risco D-H = Operações de crédito com nível de risco D-H do mês corrente / Operações de crédito com nível de risco D-H do mês anterior) – 1	Objetivo: medir a taxa de crescimento das operações de crédito com nível de risco D-H.	Recomendação: quanto menor, melhor.
S4	Crescimento dos Ativos não direcionados com atividade fim da cooperativa (Andaf) = Andaf do mês corrente / Andaf do mês anterior) – 1.	Objetivo: medir a taxa de crescimento dos ativos não direcionados com a atividade fim da cooperativa.	Recomendação: quanto menor, melhor.
S5	Crescimento da Provisão sobre operações de crédito = Provisão sobre operações de crédito do mês corrente / Provisão sobre operações de crédito do mês anterior) - 1	Objetivo: medir a taxa de crescimento de provisões de créditos de liquidação duvidosa.	Recomendação: quanto menor, melhor.
S6	Crescimento das despesas administrativas = (despesas administrativas do mês corrente/ despesas administrativas do mês anterior) -1	Objetivo: medir a taxa de crescimento das despesas administrativas.	Recomendação: quanto menor, melhor, desde que a demanda dos cooperados já esteja sendo atendida.
S7	Crescimento do Patrimônio Líquido Ajustado = (PLA do mês corrente/ PLA do mês anterior) -1	Objetivo: medir a taxa de crescimento do PLA.	Recomendação: quanto maior, melhor.
S8	Crescimento do Ativo total = (AT do mês corrente/ AT do mês anterior) -1	Objetivo: medir a taxa de crescimento do AT.	Recomendação: este indicador deve apresentar crescimento superior à taxa de inflação.
S9	Crescimento das operações de crédito = (Operações de crédito do mês corrente/ Operações de crédito do mês anterior) -1	Objetivo: medir o crescimento mensal das aplicações em operações de crédito. Quanto maior o índice, mais a instituição está expandindo as operações de crédito.	Recomendação: quanto maior, melhor.

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Bressan et al. (2010).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao mentor maior deste e de qualquer outro projeto em minha vida: Deus. A Ele toda honra e louvor por cada conquista que, por meus esforços e méritos eu pude alcançar até aqui. Dedico esta conquista à minha família, que se orgulha de mim até nas mais pequenas coisas, que me ama e me protege com todo zelo possível. Em especial, cito meus pais Ariosvaldo e Marluce, as minhas principais fontes de sabedoria “não acadêmica”, meus maiores exemplos de caráter e dignidade e os maiores amores da minha vida. À minha irmã e anjo Ambiara, agradeço por, mesmo sem perceber, me servir de exemplo em inteligência, força de vontade e determinação em tudo que realiza.

Não posso deixar de lembrar da minha trajetória profissional que se iniciou através daqueles a quem considero também como pais, pois cuidaram de mim como só os próprios o fariam; que tanto me ensinaram, desde a adolescência, a crescer na vida pessoal e profissional sem jamais perder a humildade e o respeito ao próximo. A eles, Marileide e Beto (*in memoriam*), deixo aqui expresso meu carinho e gratidão.

Ainda falando sobre profissão, aproveito para citar a empresa onde atuo, a CREDUNI, a qual me dedico com muito orgulho e amor; onde venho adquirindo muitos conhecimentos, dentre os quais, inclusive, alguns pude colocar em prática aqui. Sou extremamente grata pelo reconhecimento que tenho nesta instituição, pelas amizades que através dela cultivei e pelo apoio prestado por colegas queridos que fizeram questão de me prestar algum apoio na construção deste artigo, como o Augusto, que se dispôs a ajudar com o fornecimento de dados, ao colegas de controladoria Gean, Danielle; a Raupt, que muito me incentivou e orientou sobre esta pesquisa, sempre acreditando no meu potencial; a Jane, profissional a quem admiro e que tanto me motiva e a acreditar que sou capaz de ir sempre mais longe.

Obrigada aos amigos e amigas que sempre se preocupam comigo e me instigam a crescer, em especial Palova, uma pessoa que tanto me influencia como profissional e a quem dedico tanto apreço.

Agradeço especialmente ao meu namorado Douglas, um verdadeiro companheiro sem o qual dificilmente eu teria chegado a este momento. Sou feliz por tê-lo ao meu lado, e por sua incessante luta por nossos ideais e nossos planos para o futuro.

Por fim, agradeço a Universidade Estadual da Paraíba, pela preparação, por me proporcionar este momento e, sobretudo, por ser uma agente de formação de senso crítico e caráter. Agradeço ao ilustre Professor Péricles, pela orientação, pela dedicação por esta instituição e por mim como orientanda. O admiro sempre por sua dedicação a arte de ensinar, seu profissionalismo e seu zelo pela UEPB. Grata também aos demais membros desta banca examinadora, pela atenção e contribuição.

Hoje me sinto uma pessoa realizada e feliz. Sinto orgulho por tudo que conquisei, pelos meus esforços e pela pessoa luto sempre pra ser. Que Deus abençoe meu futuro, meus planos e cada pessoa que passa por mim, em todos os âmbitos da vida.